



Pinto Ferreira, o MFA da Beira...

A propósito de uma nota-de-óbito... *

Para a história, ficam alguns tópicos sobre a última "comissão" de um oficial do Exército Português, que em Moçambique foi co-responsável pela entrega das vidas de Portugueses – entre os quais cerca de 2 mil moçambicanos voluntários dos GE's e GEP's –, ao IN localmente conhecido por 'frelô'...

– «*Eu fiz quatro missões em África: em Angola, na Guiné, em Cabinda e depois em Moçambique. Sempre em comando de tropas, sempre, não no ar condicionado, como nós chamávamos aos que estavam no quartel-general onde a temperatura era fresca. Comecei em Angola. A minha primeira missão foi em 1946. Estive em Angola de 1946 a 1948. [...] Era alferes nessa altura, o batalhão estava em Nova Lisboa, no Huambo, eu estava numa companhia destacada nos arredores de Luanda, onde é hoje o campo de aviação. Havia um quartel novo que tinha sido feito para o batalhão. [...] Nessa altura, Angola era Luanda, mais nada, o resto era mato.*

Depois disto, estive na Guiné, de [Fevereiro] 1966 a [Outubro] 1967, também no comando [major segundo-comandante] de um batalhão [BCac1877].

Estive em Cabinda, de 1968 a 1970, também no comando de um batalhão, que era o batalhão de Cabinda [BCac11], todo constituído por naturais de Cabinda - só tive pretos nesses dois anos, dei-me muito bem com eles, eram uns homens extraordinários, uns militares extraordinários. Só os oficiais, os sargentos e alguns especialistas é que eram brancos. O resto era tudo negro, naturais de Cabinda.

[...]

Mais tarde, de [21 de Maio de] 1972 a 1974 [i.e, Jun73], estive a comandar um batalhão [BCac3885] no Fingoé, acima de Cabora Bassa e do Zambeze [...]. Depois vim para baixo [em Jun73] e, para mal dos meus pecados, fui escolhido para comandar o CIGE (Centro de Instrução de Grupos Especiais), que tinha os GE's, os chamados Grupos Especiais, e os GEP's, Grupos Especiais Pára-quedistas, os únicos pára-quedistas negros do nosso Exército.

[...]

Passei estes anos a tentar esquecer isto tudo. A parte boa que recordo é a camaradagem e solidariedade que tive com os homens que comandeï, oficiais, sargentos e praças. Posso recordar agora, porque entendo que será bom deixar [o meu testemunho], porque tenho ouvido muita coisa que não percebo. Aquilo que aconteceu o ano passado [1994], todas aquelas mesas [redondas] na televisão, todas aquelas reuniões com imensa gente [refere-se aos 20 anos do 25 de Abril]... dei por mim a dizer ao meu filho: "Eu nunca devo ter estado em África, eu não devo ter feito a guerra! Estão aqui a contar coisas que eu nunca vi. Nunca vi esta África, nunca vi estes pretos, nunca vi estes militares. Ou sou muito burro ou então isto não foi assim."

[...]

Eu tive contacto com as Tropas Especiais em Cabinda. E em Moçambique estive com os GE's e os GEP's. Era uma tropa muito especial, bons militares, com uma boa formação dada basicamente por oficiais e sargentos pára-quedistas. Era uma tropa que tinha uma actuação muito especial. Embora houvesse o CIGE, que era o centro de instrução dos grupos especiais, não era propriamente o CIGE que as comandava. Essas tropas eram entregues às unidades em toda a quadrícula em Moçambique. Os GE's estacionados nas zonas dos batalhões e os GEP's eram destacados para determinadas operações que os batalhões precisavam de realizar. [...] Os GE's eram enquadrados normalmente por um alferes ou um furriel graduado em alferes, que era branco. [...] Alguns vinham de Lourenço Marques, mais evoluídos, porque havia GEP's... a maioria era negra, mas havia soldados brancos GEP's, naturais de lá, mas eram muito poucos. [...] Era gente fundamentalmente [da zona] à volta da Beira e daquela zona toda, de Inhaminga, alguns de Lourenço Marques, mais evoluídos e que se prontificavam para ser voluntários. De resto, a maioria dos comandantes do pelotão, do grupo de combate, como nós chamávamos, eram naturais de Moçambique.

[...]

Tinha havido o 25 de Abril, tinha acabado a guerra praticamente, era preciso fazer contactos com eles e esses contactos eram muito individualizados. Eu próprio fiz contactos com a Frelimo, a partir do 25 de Abril, porque era preciso parar a guerra. [...] Era matar homens estupidamente, a guerra tinha acabado, era preciso estabelecer relações com o inimigo. [...] Algumas acções lançadas para a zona onde eu estava nessa altura foram boicotadas, o que era relativamente fácil: era mandada fazer uma acção qualquer e bastava a aviação declarar que não havia aviões, e a acção não se podia realizar e a tropa não saía. Era fácil boicotar uma acção dessas.

[...]

Eu pertenci ao MFA de Moçambique desde o início e tenho muita honra nisso. Portanto, a minha posição é totalmente diferente. O MFA estabelece em Moçambique as comissões coordenadoras, desde Nampula até cá abaixo a Lourenço Marques. Eu presidia à da Beira, por escolha. O MFA começou a ter uma certa acção no sentido de realmente se conseguirem contactos com a Frelimo e de se parar a guerra. Até porque começava a haver muita dificuldade em fazer a guerra. [...] O problema para nós, militares, naquela altura era parar a guerra. Para além das negociações que houvesse a fazer a nível superior, não havia razão nenhuma para haver mais mortes, a guerra tinha acabado, era preciso pará-la. [...] Nampula nesta altura tinha perdido muito a condução da guerra. A condução da guerra estava a fazer-se muito a nível local. Cada um quase que tinha a sua guerra.

[...]

Eu posso falar do papel do MFA na Beira, porque foi o que eu conheci. E, nessa altura, andávamos de tal maneira afogueados com o que se passava lá, que nem tínhamos tempo para nos preocuparmos com aquilo que se estava a passar nas outras comissões coordenadoras, a não ser quando surgiam notícias escritas e que eram transmitidas. Ali na Beira, a confusão foi muito grande desde, por exemplo, o jornal principal, o Notícias da Beira, que pertencia ao eng. Jardim, com uma determinada linha que se estava a ver qual era. [...] A população civil, inclusivamente, fazia manifestações à porta do Governo. Foi lá o general Costa Gomes e fizeram uma manifestação quando ele estava no palácio do governo, era uma situação muito confusa. E nós do MFA andávamos atrás daquela guerra, daquela guerra local, tentando resolver aqueles problemas todos.

[...]

Eu estava na Beira, quando foi o ataque à messe da Beira e vi os acontecimentos todos, do princípio ao fim. Quando eu cheguei à Beira, em [Junho de] 1973, a população não tinha qualquer noção da guerra que se estava a passar. Sabia que existia, mas não vivia no meio da guerra.

[...]

Regressando à questão da messe da Beira: na Beira a calma era absoluta, era uma zona de comércio, toda a gente comprava de manhã à noite. [...] Como é que surge este problema com os militares da Beira? Surge porque alguém montou uma manifestação contra os militares da Beira. [...] Quando estava lá dentro da messe, vim cá fora e o chefe da PIDE da Beira estava cá fora a olhar, a ver. [...]

A Beira, como já disse, era uma cidade civil, onde havia militares e onde havia uma messe, que era uma messe de passagem. [...] E toda aquela manifestação lançava slogans do género: "Vão para o mato, malandros! Vão mas é para a guerra, que estão aqui e não fazem nada e lá em cima andam a matar os nossos irmãos!". "Temos é que ir lá à messe chatear os tipos!". E começam a ir. A maioria é gente nova. Começam com motos em frente da messe, de um lado para o outro, aquilo quase que não tinha trânsito nenhum porque ficava fora da Beira, tinha uma praia em frente; e começa um movimento anormal de viaturas, automóveis e motos, quase todos com gente nova [...] e aos gritos. Esta coisa arrasta-se durante umas horas. Nós estávamos dentro da messe, a messe tinha um bar todo envidraçado, isto começa depois de jantar, toda a gente ia tomar café ali ao bar, alguns oficiais até com as famílias, e pelo vidro via-se perfeitamente aquela gente toda. E a certa altura começam a apedrejar a messe. Aparece a polícia, nós na messe tínhamos chamado a polícia, claro que era polícia civil, ninguém quis meter polícia militar nem tropa naquilo. A polícia aparece, não toma atitude nenhuma, limita-se a olhar, a andar, a cruzar os braços, a ver, enfim, a situação vai-se agravando de tal maneira que a certa altura nós, na messe, resolvemos que era altura de acabar com aquilo. Já tinha havido uns tiros para o ar e a coisa estava a complicar-se. É então que o capitão da Polícia Militar, que estava junto a nós na messe, manda avançar a companhia com os bastões e, à bastonada, dispersa aquela gente toda, que desaparece e vai-se embora. No resto da noite e nos dias seguintes, continua um bocado o fungagá. Mas até aí não havia qualquer espécie de reacção da população civil contra os militares. Isto surge de repente, como manifestação preparada, nitidamente preparada!

[...]

Pergunta-se agora porque é que se faz essa manifestação contra os militares? Porquê? Aí é que aparece o Jorge Jardim que, como sabemos, já tinha andado naquelas conversas aqui em Lisboa com o Marcelo Caetano, etc., para dar a Moçambique uma situação de pseudo-independência, de que ele era o chefe e tal, como não podia deixar de ser. Portanto, ele próprio tinha estado por detrás daquilo, porque ele tinha todo o interesse em voltar a população contra a tropa. E nem pensava sequer que continuasse a guerra. O que eu sei é que há uma situação em que ele foi o chefe, em que ele foi o mandante. De resto, o problema Jardim é, quanto a mim, em grande parte um problema de balanço. O eng. Jardim, que é um homem muito inteligente, um homem de acção, mas até um certo ponto é um grande bluff. Eu digo isto [porque], por exemplo, criou-se em Moçambique a ideia de que os GEP's, os GE's, o CIGE eram praticamente plantados pelo sr. Jardim. Eu conheci muito bem o coronel [para-quedaista Sigfredo Ventura da] Costa Campos, que esteve lá antes de mim, e não era homem de maneira nenhuma para ser plantado fosse por quem fosse, a não ser pelo general [?], mais nada. E comigo, durante o tempo em que eu lá estive, um ano e tal [Jun73-Set74], nunca, nem sequer fui visitar o Jorge Jardim, vi-o de longe. Nunca senti qualquer acção do sr. Jardim sobre o CIGE, qualquer ideia, nada absolutamente nada. [...] Só uma vez tive um contacto com o braço direito dele. Como é que ele se chamava? Um homem que foi assassinado depois na Rodésia à punhalada. [Tive esse contacto] a propósito de uma visita do Movimento Nacional Feminino, do avião que estava lá numa pista de aviação. O avião ficou guardado por tropa minha. O [Orlando] Cristina. Ele apareceu no quartel a tomar satisfações para saber por que razão estava lá tropa. E eu dei-lhe a resposta correspondente, a resposta militar, e o homem encolheu as unhas, foi-se embora e nunca mais o vi. Nunca mais tive nenhum contacto com ele nem senti qualquer espécie de acção, nada.»¹

¹ (José da Silva Pinto Ferreira, coronel de infantaria reformado: excertos das suas declarações, em 28Ago1995, nos "Estudos Gerais da Arrábida" sobre «A Descolonização Portuguesa», 1º painel dedicado a Moçambique)

– «No Dondo, perto da cidade da Beira em Moçambique, [...] o comandante do CIGE - que tinha [...] voluntários e africanos espalhados pelo território moçambicano -, era [desde Jun73] o coronel [José da Silva] Pinto Ferreira, com a alcunha de "Pinto Peneiras". [...] Em Outubro ou Novembro de 1973, este oficial tinha começado a conspirar naquele movimento, dito dos "Capitães", e mais tarde no MFA. Nessa época, sondou-me para saber se eu estaria ligado ao eng. Jorge Jardim.»²

² (Francisco Xavier Damiano de Bragança van Uden, ex-alf milº CMD da 32ºCCmds e ex-cap milº grd GEP: excertos do seu depoimento, concedido ao cor inf Manuel Amaro Bernardo, em 15Dez94)

– «Fui à Beira para uma reunião de oficiais, porque eu era membro da comissão coordenadora de Nampula. Nessa altura quem lá estava era o tenente-coronel de infantaria José da Silva Pinto Ferreira, (comandante do CIGE, GE's e GEP's estacionados no Dondo), que fez parte do Movimento dos Capitães.»³

³ (Mário António Baptista Tomé, maj cav, co-fundador da UDP; in "Confissões do 25 de Abril")

Ao final da tarde de 17Jan74, no bairro Macuti da Beira, cerca de 400 pessoas (brancos e negros) concentram-se frente à messe de oficiais do Exército, e manifestam-se com insultos e lançamento de pedras contra o edifício, acusando os militares de "vida fácil e cobardia": a manifestação engrossa e dirige-se, sucessivamente, às residências do ausente comandante do CTC brigadeiro Joaquim Correia Ventura Lopes e do respectivo CEM-CTC, onde procedem de igual forma; perante a falta de actuação do comandante-interino do CTC coronel Baía dos Santos, pouco depois no Dondo o comandante do CIGE, coronel de infantaria José da Silva Pinto Ferreira, desloca-se à cidade da Beira e obtém a participação da PM na repressão dos manifestantes, que são repelidos à bastonada.

– «José Pinto Ferreira, enérgico e decidido mestre de Educação Física de várias gerações de oficiais na Academia Militar, então comandando os GEP africanos estacionados no Dondo, quem, dizendo "basta", põe cobro à situação, exigindo a Baía dos Santos que dê ordem à companhia de PM que enfrenta, no exterior, os manifestantes e à que no pátio interior se encontra de reserva para "limparem" o espaço fronteiro à Messe. O que ambas farão com proficiência, varrendo tudo e todos, a casse-tête, até ao mar.»⁴

⁴ (in 'site da A25A')

– «O Cor. Pinto Ferreira, desprestigiado comandante dos "GEP", cuidou de construir a tese, que alguém lhe inspirou, de ser eu o responsável pelos levantamentos populacionais. Sustentava-se que se me tinha sido possível dominá-los, isso só significaria que os havia desencadeado. Houve quem chegasse, honestamente, a acreditar nesta versão fantasista mas, politicamente, conveniente. Todavia, certos documentos apreendidos depois do "25 de Abril" demonstraram que eu não tivera a inventada intervenção provocadora.»⁵

⁵ (Jorge Jardim, in "Moçambique Terra Queimada")

Após 25Abr74, o coronel Pinto Ferreira assume-se controlador-mor do CC/MFA no CTC-Beira.

– «O comandante do CIGE [...] era o coronel Pinto Ferreira. [...] Antes do 25 de Abril, tinha um comportamento tipicamente dito "fascista" e ditatorial mas, depois dessa data, apareceu com uma postura completamente diferente e ocupando a presidência do MFA da zona centro (Beira). Nesta altura [02Ago74], já estava acompanhado por sua mulher, uma médica comunista de quem antes estaria separado. [...] Ele estava profundamente empenhado na entrega unilateral de Moçambique à FRELIMO, sacrificando inclusivamente a vida dos seus próprios homens. Isto através de operações, com a missão de contactos de paz com aquele movimento guerrilheiro, em que surgiam baixas nas nossas tropas [vd CCac3551 em 22Jun74]. Estas operações possibilitavam que o inimigo emboscasse as NT e eram feitas à revelia da hierarquia do [general Orlando Ferreira Barbosa] comando-chefe de Moçambique. [...] Entre outros [que colaboraram com o comandante do CIGE nessas actividades], lembro-me de um major [Serra Pinto que, após Set74, veio a ser colocado na GNR sob as ordens do citado coronel Pinto Ferreira]. [...] Eles fizeram um trabalho muito eficiente, dada a natureza dos elementos constituintes daquela tropa especial que, como referi, eram todos africanos e voluntários. Conseguiram manobrar aquele pessoal. [...] Decorreu [em 04Ago74] um plenário na [BA10] base aérea da Beira, presidido por Pinto Ferreira. [...] Resolvi falar sobre os incidentes que ocorreram [no fim-de-semana anterior], numa companhia [Mafambisse] açucareira da zona. Tinha havido uma greve e eu fôra lá com três homens [i.e, um condutor e um radiotelegrafista, ambos negros moçambicanos] e resolvera o problema. [...] Era capitão dos GEP e estava a dar instrução. [...] Disse que [...] o mínimo a fazer, era desmobilizar imediatamente o nosso pessoal (GE e GEP), e permitir que eles pudessem integrar-se na vida civil, dando-lhes também a oportunidade de poderem optar pela nacionalidade portuguesa antes da entrega do controle do território ao inimigo. [...] Dois dias depois [do plenário do MFA-Beira na BA10], isto é na 2ª feira [i.e, 3ªfeira 06Ago74] seguinte, sendo chamado ao gabinete do referido comandante [do CIGE coronel José da Silva Pinto Ferreira], fui sumariamente julgado como elemento anti-GEP e mandado embarcar para Lisboa, [...] seguindo no mesmo avião com a viúva e os filhos do major pára-quedista [comandante do batalhão GEP Manuel António Casmarrinho] Lopes Morais, que morrera [dois] dias antes numa flagelação do avião, que fôra evacuar feridos dos GEP resultantes de uma das operações de "paz" atrás referidas. [...] Cheguei [ao AM1-Figo Maduro] em 6 de Agosto de 1974 e dirigi-me para casa na Caparica, ainda fardado de GEP pois tinha vindo num avião da Força Aérea.»⁶

⁶ (van Uden, dep.cit)

Em 14Set74 o comando da RMM, em Nampula, fica entregue ao 'mfa' brigadeiro António José da Costa Pinto⁷, passando o citado coronel de infantaria José da Silva Pinto Ferreira (ex-comandante do CIGE-Dondo e ex-chefe do MFA-Beira), regressado a Lisboa, a comandar o Bat1-GNR.

⁷ (ex-tcor cmdt BCac2863 Fingoé 69-70; recém-chegado de Lisboa, onde cessou na Ajuda o comando operacional do Bat1-GNR, no qual em 25A era coronel e ordenou "facilidades" à manobra dos MFA's na área da baixa lisboeta)

Após 30Set74, em Lisboa o comandante-geral da GNR, general António Ferreira de Carvalho Freire Damião, veio a ser alvo de "saneamento" por parte do MFA e destituído, sendo designado para o substituir aquele coronel Pinto Ferreira, residente em Cascais, para o efeito em 04Fev75 graduado em general e acumulando, a partir de 25Mar75, o comando-geral da PSP.

Em 08Abr75, logo após o camarada Vasco Gonçalves ter proclamado que «não podemos perder por via eleitoral aquilo que tanto tem custado a ganhar ao povo português», o general Pinto Ferreira apressou-se a declarar à imprensa que «a GNR e a PSP devem estar ao serviço do povo português».

Na madrugada de 23Jul75, em conclave do MFA realizado na EPI, Pinto Ferreira foi indicado, entre outros 15, como «membro suplente da comissão "técnica" da Arma de Infantaria».

Em 10Out75 – decorridos dois anos em desvios "vermelhos" «ao serviço da revolução»⁸ –, veio a ser desgraduado e demitido, de comandante-geral da GNR e da PSP, terminando assim a carreira militar, da qual se não conhecem quaisquer relevantes desempenhos, na profissão a que se voluntariou para defesa da Pátria.

⁸ (vd 'O Jornal' 03Out75, e 'Expresso' 08Nov75 pg.5)

* [<http://ultramar.terraweb.biz/CorJoseDaSilvaPintoFerreira.htm>]